

Do lugar da Bíblia na práxis anglicana – elementos para um debate

Rev. Josué Flores

Introdução¹

Este trabalho pretende traçar um paralelo com o texto de D. Sebastião que se intitula “*Reinventar a vida: Missão de Deus*”, com o uso da Bíblia na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB). A partir do contexto disciplinar, é salutar que o desenvolvimento de uma análise empírica do uso da Bíblia na vivência anglicana seja refletida e debatida, dentro dos limites e padrões teológicos que nossa Tradição oferece e também dialogando certamente com o contexto vivencial, analisando a relevância e eficácia de nosso modelo e muito provavelmente ressaltando o tema para a prática pastoral, teológica, pedagógica e moral que nos desafia.

Não é objetivo nosso fichar o texto, entretanto faz-se necessário uma síntese do mesmo para o aprofundamento da análise. D. Sebastião fundamenta sistematicamente o método de “*Leitura popular da Bíblia*”, uma estabelecendo como *sujeito* de análise a categoria epistemológica outrora também utilizada pela Teologia da Libertação, a saber: *o pobre*. Esta categoria define o parâmetro hermenêutico da leitura da Bíblia. Em segundo lugar, o método é definido pela construção hermenêutica *comunitária*. Este foco limita de qualquer subjetivismo e relativismos partindo para uma leitura muito mais totalizante e contextual. E em última análise, o autor harmoniza o método com a própria metodologia anglicana: Tradição, Escritura e Razão. Para isso ele se apóia na teoria dialogal dos triângulos hermenêuticos, traçando um paralelo entre o sujeito que lê e que irá fazer o “*livre exame*”, e também sujeito da *experiência*. Outro paralelo é a Tradição, entendida também como *contexto* comunitário, e por último a Razão com o diálogo que o sujeito fará com o mundo ou sociedade.

Antes de aprofundarmos nossa análise, é importante também mencionarmos que o anglicanismo faz uso da Bíblia em diversas situações, mas muito especialmente na liturgia. É nela

¹ Trabalho baseado no texto: SOARES, Sebastião Armando Gameleira. “*Reinventar a vida: Missão de Deus*”. In: Partilha Teológica nº 8. Porto Alegre: CEA, pg. 03-16.

que o anglicano ouve, lê e experimenta seja como conforto espiritual ou como um desafio moral. E desta forma, esta experiência molda uma ética bastante específica, muito popularmente chamada de *jeito anglicano de ser*. Por outro lado, encontramos muitas lacunas de absorção do conteúdo bíblico que não estão sendo desenvolvidas ou dadas como aspectos secundários. A partir daí encontramos os desafios a pastoral e missão da IEAB.

A Adoração congregacional

*A vida da congregação fluirá e será tanto mais “apaixonada”, a partir da oração e adoração a Deus, que nos chama e nos dá vida, e para quem toda a glória e louvor devem ser dadas. Esta vida especialmente é nutrida pelo estudo da escritura que é a fonte de nossa força e nosso impulso à missão”.*²

A adoração congregacional é a expressão ética e espiritual do desenvolvimento do aprofundamento do estudo das Escrituras, conforme a orientação do relatório de Lambeth 1998. A nutrição através da Bíblia é apontada como inspiração à missão e também à própria perseverança cristã. É na Bíblia que encontramos a fonte que necessariamente nos levará a uma vida de oração e adoração a Deus. O relatório segue apontando algumas necessidades contínuas³. A Bíblia é o elemento fundamental para a recuperação do sacramento da Confissão e Absolvição. O estudo das Escrituras nos permite o exame de nossas vidas e conseqüentemente a reconciliação com Deus e com os outros. As recomendações também indicam a instrumentalização de recursos baseados no Lecionário, apontado como meio para o desenvolvimento da comunidade Cristã. Outra expressão que surge é “*Palavra-feito-carne*”, que indica uma relação intrínseca do ministério cristão com as necessidades humanas. A Leitura popular da Bíblia e um diálogo entre as leituras populares e científicas da Escritura para um discernimento maior de seu conteúdo também completam este quadro de recomendações.

Fica cristalino então, duas vias de integração do uso da Escritura para o anglicanismo, uma como elemento de crescimento espiritual e moral e a outra como elemento de extensão de nosso compromisso cristão, a missão, que para nossa missiologia é muito mais um projeto de “*encarnação*” da Palavra, e isso é urgente ao *testemunho* dos cristãos, pois apenas assim a palavra se encarna, pelo contrário não passará de literatura, do que um projeto de ampliação e

² “Lambeth Conferência 1998 Seção dois: Relatório da Conferência chamados a viver e proclamar as boas novas”. In: *Partilha Teológica* nº. 8. Porto Alegre: CEA/IEAB, pg. 67, 1999.

³ Id. conf. pg. 68.

crescimento. Nesse item é importante salientar o conteúdo do texto de D. Sebastião, pois para ele, conversão é necessariamente *mística e política*⁴, ou seja, a conversão exige uma postura ética que por sua vez irá nos persuadir de uma postura política, assim a *palavra-feito-carne* ganha lugar de destaque na Leitura Popular da Bíblia.

Se de fato a Bíblia não é o elemento central do culto anglicano, como para os reformados ou luteranos, em nossa missão certamente ela é. Muito além de ser um *repetidor* das palavras das Escrituras, o anglicano quer e protagoniza em sua ação missionária a encarnação dos *valores* do texto enquanto os demais ramos possuem uma preocupação muito mais ‘literal’ do texto gerando uma série de minúcias teológicas.

A Palavra de Deus – revelação para todos os dias

*Através da Bíblia há muitas referências à “Palavra” ou a “Palavra do Senhor” ou a Deus que fala. Essas frases nos falam de um elemento muito significativo dentro da Bíblia. Deus é um Deus que fala. Isto significa duas coisas: que o propósito enunciado de Deus encontra sua expressão em seus atos no mundo, e que suas ações no mundo visam um impacto sobre as mentes e consciências das pessoas ou por revelação ou por ordem, ou por julgamento ou por desafio. Pela Palavra de Deus o mundo foi criado, o mundo é sustentado, os eventos da história são governados, o Israel foi libertado... Em tudo isso a Palavra de Deus foi revelada. Porém, finalmente, em Jesus a “Palavra se fez carne e habitou entre nós”. Aqui está a revelação plena e final. Jesus Cristo, Ele próprio é a Palavra de Deus.*⁵

A definição acima, dada pela conferência dos bispos anglicanos, delinea muito o conceito que o anglicano tem da Bíblia. A Bíblia *contém* a Palavra de Deus, e esta definição se distancia da pretensão da inerrância ou infalibilidade. A Palavra de Deus é muito mais uma *ação* na história do que a petrificação de um estatuto ou código religioso. Jesus é apontado como a encarnação da Palavra. O bereshit e o **logos** revelam a natureza cristológica de Jesus. No princípio de todas as coisas, ou na pré-história da civilização Ele já agia. Nesta percepção, o Cristo encarnado se transforma em uma revelação contínua na história humana e na própria natureza humana, uma vez se fazendo carne. Assim, a construção da Palavra de Deus passa muito certamente pela construção do nosso “olhar” ao mundo, de nosso “olhar” a história, de nosso “olhar” à sociedade. É

⁴ SOARES, Sebastião Armando Gameleira. Op cit. pg. 09.

⁵ Relatório da Conferência de Lambeth 1958. Apud: TAKATSU, Sumio. “Livro de Oração Comum no Anglicanismo”. In: *Reflexões* nº. 6. Porto Alegre: CEA/IEAB, pg. 21, 1999.

na esteira deste pensamento que o anglicanismo está muito mais atento aos problemas do homem contemporâneo à luz de Jesus Cristo como Palavra de Deus encarnada, do que um arcaísmo biblicista, que julga os desafios de agora olhando para o passado bíblico. Assim, a Bíblia é o testemunho concreto e localizado historicamente que dialoga interminavelmente com nossa realidade e problemas. Desta forma, estamos apontando um uso muito mais dinâmico da Bíblia tendo como base o princípio de Palavra viva que é bem diferente da Palavra escrita como argumenta D. Sumiu⁶ e nisto podemos afirmar que D. Sebastião já construíra em suas explicações sobre os triângulos hermenêuticos da Leitura Popular da Bíblia, ou seja, a Bíblia dialogando com o leitor (receptor) e com a sociedade (mundo ou contexto abrangente).

Em tese, este princípio irá influenciar muito o conceito de *inclusividade* gerado pelo ethos anglicano. Este conceito permitiu historicamente a ordenação de mulheres em todos os níveis. Hoje tem gerado algum debate sobre a união de pessoas do mesmo sexo e também a ordenação destas pessoas. Muito além disso permitiu que o conceito de *Via Média* fosse fortalecido em nossa eclesiologia, especialmente na preservação da diversidade litúrgica e teológica dentro da igreja.

Eclesiologia anglicana: lendo a Bíblia na liturgia

*Portanto, se pretendemos aprofundar a leitura e releitura da Bíblia na Igreja Anglicana nosso ponto de partida e nosso ponto de referência constante deve ser o uso litúrgico da Bíblia. Vivemos uma eclesialidade litúrgica e, por causa disso, devemos buscar uma hermenêutica bíblica que construa e transforme nossa eclesialidade a partir do seu **ethos** característico”.*⁷

Apesar do Dr. Humberto criticar o uso tão somente litúrgico da Bíblia, e o olhar reducionista da Bíblia como um “recurso” litúrgico, a citação acima traz uma realidade subjacente à nossa eclesiologia, ou seja, nós anglicanos lemos e ouvimos a Bíblia durante a liturgia, e quaisquer outras tentativas serão inevitavelmente ‘estranhas’ ao nosso jeito de ser. Assim, o autor aponta a necessidade da instrumentalização de nossa leitura bíblica, mesmo que dentro do contexto da liturgia. Para isso propõe uso da Exegese e Hermenêutica, como meios de construção e desconstrução criativa de nossa eclesialidade. A tensão de definições cabais sobre a identidade

⁶ Idem. Pg. 20.

⁷ GONÇALVES, Humberto Maiztegui. “Exegese Bíblica e eclesialidade anglicana”. In: *Inclusividade*. Porto Alegre: CEA/IEAB, ano V, nº. 13, pg. 33, 2006.

anglicana, nos condicionou a uma “provisoriedade”, favor que nos induz a um ininterrupto diálogo com os “diferentes” em suas experiências com Deus.

Mesmo na tradição bíblica, encontramos relatos que são impressões da liturgia de um povo/comunidade, e que serviram durante séculos na Tradição Oral, como catequese e doutrinação, bem como para a memória da libertação e espera da parousia. Encontramos hinos, orações, bênçãos, entre outros. Assim, precisamos dinamizar a forma de como a leitura da Bíblia tem sido construída em nossa liturgia, e com os instrumentos de análise esperar que este uso, através dos símbolos, das percepções e apreensões sensoriais e a captação racional seja vinculada ao processo renovador e transformador de nossa eclesiologia, dentro da *reserva de sentido* que sempre teve e nos deixa interligados com a Comunhão Anglicana e com as gerações anteriores de cristãos e por fim ligados à catolicidade cristã. A expressão mística, da fé, da espiritualidade, da oração e adoração serão parte viva de nossa vida congregacional se de fato a Bíblia for entendida e assimilada com clareza a partir dos desafios contextuais apresentados à Igreja todos os dias. Estes desafios geram novas frentes de Missão, pois muito claramente a Igreja terá de enfrenta-los, e esta base eclesiológica, aprofundada no sentido da Bíblia para nós, certamente nos impulsionará para um protagonismo eficaz e que comunicará o *tesouro* das Boas Novas em nossa Missão diária. Sobre isso o relatório da CCA nos diz: “*A missão é uma só e pode ser examinada sob dois aspectos complementares: 1. partindo da proclamação de Deus revelado em Jesus Cristo; 2. verificando que a realidade de Deus revelada em Jesus Cristo torna-se viva no envolvimento nas lutas de todo o povo, em ambos os lados da opressão espiritual, material, social, econômica ou política*”.⁸ Esta proclamação (kerygma) é que torna-se um desafio constante para o cristão leigo, e aqui nos referimos ao sacerdócio universal de todos cristãos, e também ao clero, que se absorve em seu ministério as marcas do anúncio kerigmático e da denúncia profética. Certamente uma eclesiologia viva acontecerá em cada momento histórico que a Igreja necessitará dar uma resposta às pessoas e ao mundo.

Bíblia e Liturgia Doméstica

⁸ _____, Conselho Consultivo Anglicano. *Quinta Reunião*. Newcastle: Inglaterra. Departamento de Comunicação da IEB. pg. 23, 1981.

De fato, na tradição cristã, desde os primeiros anos da Igreja Apostólica, encontramos referências ao uso da Lei (Torah), profetas e principalmente das Cartas de uso exortativo e catequético dos apóstolos, bispos e teólogos que hoje denominamos de “*patrologia*”. A comunidade cristã, à luz dos escritos do Antigo Testamento, consolidou formas de expressão litúrgicas fortemente ligadas ao hebraísmo influenciado pelas sinagogas espalhadas por todo mundo antigo, fruto de diversas diásporas judaicas. A tradição judaica, que influencia boa parte do cristianismo ainda incipiente, toma a religiosidade doméstica como elemento fundamental para a **sobrevivência** de uma cultura, espiritualidade, fé. Historicamente, em um contexto de perseguição a Israel, destruição do Templo de Jerusalém, cativo, foi natural o desenvolvimento desta nova expressão litúrgica e a Igreja Cristã, agora no contexto de perseguição religiosa, incorpora os elementos suficientes para dar continuidade e perpetuação da nova fé no contexto da liturgia doméstica. O Dr. Humberto sobre isso nos afirma:

A liturgia doméstica teve forte expressão na vida das famílias anglicanas no Brasil nos primeiros 50 ou 60 anos da IEAB (lugar onde se originaram muitas missões e paróquias) mas hoje está praticamente esquecida e devia ser mais considerada na produção teológica, litúrgica e missionária.”⁹

Nesse contexto, entendemos que a Igreja, talvez pela liberdade religiosa e displicência missionária, deixou de lado uma riquíssima fonte litúrgica e espiritual das primeiras comunidades cristã. A piedade familiar que testemunha em vida os edifícios, os fundamentos e os pilares das Escrituras, e a devoção com que trata os elementos da fé cristã em sua vida diária, são sinais visíveis e externos da presença do Cristo. A verticalização do domínio dos bens simbólicos da fé, no anglicanismo, gera uma hierarquia desprovida de autoridade suficiente, mas que em dado momento histórico, especialmente o da consolidação da IEAB, se desvinculando da Igreja-Mãe, faz com que seja necessária esta *petrificação* dos ministérios, ficando a igreja ancorada apenas e tão somente no ministério ordenado, sufocando o *sacerdócio universal de todos os santos*. Os templos são, neste momento habitação idealizada da Palavra e dos Sacramentos. Entretanto, a Palavra é reconhecidamente em muitos contextos, meramente emblemática, decorativa, ilustrativa, e como já dissemos subsídio litúrgico. É vital que para uma renovação da espiritualidade, da piedade e mística a igreja precisa estar disposta a *olhar* atentamente para o modelo paralelo ao institucional gerado pelos primeiros cristãos. Além do culto público, se vive a igreja em sua vida diária nos lares. Nesse contexto a Bíblia pode ser compreendida como *Palavra Viva de Deus*.

⁹ GONÇALVES, Humberto Maiztegui. “Apontamento sobre Bíblia, Liturgia e Anglicanismo”. In: *Inclusividade*. Porto Alegre: CEA/IEAB, ano II, nº. 06, pg. 66, 2003.

Os ofícios diários incluídos pelo Bispo Cranmer (LOC de 1549), a partir da adaptação de práticas anteriores, tiveram por finalidade principal: ‘ leitura sistemática – e popular – da Escritura’. Portanto na matriz da liturgia anglicana está o entendimento de que a liturgia deve ter, além da função adorativa, a função pedagógica. A experiência monástica, na qual Cranmer se inspirou, demonstrou desde os primeiros séculos do cristianismo que a Bíblia pode ser melhor entendida como Palavra Viva de Deus no ambiente da adoração.”¹⁰

Destacando a ‘função pedagógica’ que a Bíblia exerce para a piedade cristã, reconhecemos que mesmo o Livro de Oração Comum, que é fundamentalmente construído à partir das Escrituras, ele não tem a pretensão de ser pedagógico, senão contemplativo, sacramental, e exortativo (LOC 1950). Então, o momento pedagógico por excelência é o sermão, que em muitos contextos é esvaziado de significados e discriminadamente tido como preocupação protestante, daí a fraca estatura e ínfima envergadura de conhecimento e instrução cristã dos anglicanos, não lêem a Bíblia, desconhecendo até mesmo o lugar dos livros, e muitas vezes não sabendo quais são os nomes dos 4 (quatro) evangelhos. O que sabemos de concreto, são os textos mnemonicamente guardados pelo uso repetitivo do rito litúrgico. Mesmo reconhecendo a riqueza de nossa liturgia, a presença do Lecionário (que deveria ser o guia semanal) e o espaço atribuído às funções pedagógicas no culto, sabemos que na atual conjuntura, o processo está diretamente ligado a institucionalização do uso da Bíblia, ao enfraquecimento da espiritualidade doméstica. O desafio que nos coloca então é: Como a Bíblia poderá ser *Palavra Viva de Deus* em nosso ambiente vivencial, doméstico e público? Como a Palavra poderá ser o Sacramento da presença de Deus¹¹?

Desta forma, o uso da Bíblia como mencionado anteriormente, terá implicações em nossa própria eclesiologia. Se a missão da igreja está fundamentalmente ligada ao testemunho diário e local dos fiéis, em seus lares, vilas, comunidades, então nosso grande desafio será o de aprofundar o processo de “Educação Cristã” de modo geral para que a natureza das ações reflitam a identidade própria. Em muitos materiais de formação para ministros leigos e catequistas de nossa igreja, percebemos o enorme esforço em instrumentalizar informações quanto ao “uso” dos materiais e significado das coisas. De fato, esta instrumentalização deveria ser a *base* constitutiva da pedagogia pastoral aplicada na vida da igreja toda. Então, os cursos para ministros leigos seria muito mais um aprofundamento crítico e refletido sobre o *conteúdo* das coisas.

¹⁰ Idem, p. 68.

¹¹ Cf. GONÇALVES, H. Maiztegui. *Op cit.* p. 71.

Conclusão

Considerando que o esforço e a preocupação pastoral, é muito mais no ensino de formas exteriores ao real significado dos elementos da fé, e daquilo que realmente gera a expressão de fé, e considerando a displicência da preparação de um projeto pedagógico que contemple a “Educação Cristã” da comunidade em toda a sua amplitude, e reconhecendo a escassez de resultados concretos da missão da igreja, demonstrada na vida paroquial, entendemos que precisamos olhar atentamente para o modelo e paradigma bíblico, refletir nossas bases pastorais, diaconais, buscando o amadurecimento do Corpo, o enriquecimento da espiritualidade, sempre mais viva e dinâmica e a confirmação da Palavra como *sacramento* (“Palavra-feito-carne” conforme o relatório de Lambeth) da presença de Cristo. Este reencontro com a Bíblia, certamente trará uma profunda reflexão de nossa concepção Institucional/eclesiológica, missionária/vocacional, litúrgica/cultural. Entretanto, o anglicanismo também em sua caminhada histórica gerou uma compreensão especial da Bíblia, seu significado e seu valor para o cristianismo. E a partir disso cunhou em sua forma de ser, jeitos que expressam os valores do Reino de Deus apontado pelo Evangelho. Os desafios que a leitura da Bíblia nos trazem são muitos e certamente atingirão todos os níveis de relacionamentos da igreja, mas o Espírito Santo nos encoraja e nos impele aos objetivos da *Missio Dei*.

Referências Bibliográficas

_____. Conselho Consultivo Anglicano. *Quinta Reunião*. Newcastle: Inglaterra. Departamento de Comunicação da IEB. pg. 23, 1981.

_____. Lambeth Conferência 1998 Seção dois: “Relatório da Conferência chamados a viver e proclamar as boas novas”. In: *Partilha Teológica* nº. 8. Porto Alegre: CEA/IEAB, pg. 67, 1999.

_____. “Relatório da Conferência de Lambeth 1958”. Apud: TAKATSU, Sumiu. “Livro de Oração Comum no Anglicanismo”. In: *Reflexões* nº. 6. Porto Alegre: CEA/IEAB, pg. 21, 1999.

GONÇALVES, Humberto Maiztegui. “Exegese Bíblica e eclesialidade anglicana”. In: *Inclusividade*. Porto Alegre: CEA/IEAB, ano V, nº. 13, pg. 33, 2006.

GONÇALVES, Humberto Maiztegui. “Apontamento sobre Bíblia, Liturgia e Anglicanismo”. In: *Inclusividade*. Porto Alegre: CEA/IEAB, ano II, nº. 06, pg. 66, 2003.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira. *“Reinventar a vida: Missão de Deus”*. In: Partilha Teológica nº 8. Porto Alegre: CEA, pg. 03-16.